

REVISTA DE CABO VERDE

EDITOR RESPONSÁVEL
Abílio da Cruz Madeira

Director — L. LOFF DE VASCONCELLOS
S. Vicente de Cabo Verde

IMP. DE LIBÂNIO DA SILVA
R. do Norte, 91 — LISBOA

ASSIGNATURAS

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL E ILHAS ADJACENTES

Anno	2\$500
Semestre	1\$400
Numero avulso	120

CABO VERDE E OUTRAS POSSESSÕES PORTUGUEZAS

Anno	2\$500
Semestre	1\$400
Numero avulso	120

ANNUNCIOS

Contracto especial

A REVISTA

Em que pese aos seus adversarios, esta publicação continua.

Apenas meia duzia de assignantes nos abandonaram.

A maioria, pois, dispensa-nos o seu valioso auxilio para proseguirmos no caminho traçado, e nós, embora por outros motivos tivéssemos razões justificaveis para abandonar a tarefa que nos impoemos, continuaremos á frente d'esta publicação, arcando com todos os odios e responsabilidades.

E procurando forças na propria lucta, o nosso espirito se rebustecerá cada vez mais.

Não conseguiremos nada de proveitoso para esta provincia?

A nossa voz não será escutada?

O futuro nol-o dirá.

Mas affiançamos, que antes do seu dia derradeiro, no ultimo estrebuchar da existencia d'esta publicação, no momento critico dos paroxismos da morte, ella, com a liberdade que tem o moribundo, que nada mais espera d'este mundo, legará a este povo um punhado de verdades, que ha de atordoar os ouvidos e perturbar a consciencia dos que me tem sido adversos.

O DIRECTOR.

O NOSSO FOLHETIM

Causado por uma troca de originaes na typographia, houve no nosso folhetim um erro grave que hoje remediamos. O folhetim publicado n'este numero, é anterior aos dois que sahiram nos n.ºs 10 e 11.

PRAIA E S. VICENTE

Nas coisas mais pequenas se estão manifestando a má vontade e o acinte dos altos poderes da Praia, contra o desenvolvimento de S. Vicente, lavrando um enorme descontentamento da parte de todos os cidadãos d'esta ilha, chegando já mesmo a pensar-se em

pedir ao governo de Sua Magestade a divisão dos dois grupos de Sotavento e Barlavento, em dois districtos administrativos autónomos, embora o districto de Barlavento tivesse de dar um subsidio ao de Sotavento, visto que este não teria receita sufficiente para sustentar os seus encargos e provêr aos melhoramentos de que necessita, apesar de ser a ilha de S. Thiago a maior, a mais populosa do archipelago e de se alardear ali tanta riqueza, importancia commercial e superioridade.

— Pretendeu a camara municipal de S. Vicente estabelecer a iluminação publica, a luz electrica, e o conselho de provincia, que funciona na capital, introduziu nas bases do contracto um artigo tão disparatado e original, que affastou todos os concorrentes.

O caso não era para menos, como se verá do texto do famoso artigo, que é o seguinte:

«Permittir a recisão do contracto antes de terminado o prazo de 30 annos, desde que pelos meios legais se prove não terem sido cumpridas as condições do contracto ou se verificar a impossibilidade de se conservar em S. Vicente uma iluminação d'este genero (luz electrica) por effeito das suas excepcionaes condições meteorologicas».

Mezes depois a camara municipal da capital, pretendia tambem a luz electrica para a iluminação publica da cidade e o mesmo conselho de provincia approvando as bases do respectivo contracto, não fez as restricções acima transcriptas impostas á camara de S. Vicente!

O que significa isto?

Que condições meteorologicas tão excepcionaes, tem S. Vicente, que não permittem o funcionamento da luz electrica, ao passo que as da Praia o permittem?

Não se descobre aqui uma cabala?

— Tambem quiz S. Vicente ter um corpo de bombeiros voluntarios.

Oppuseram-se taes difficuldades na capital, que até agora ainda os estatutos d'es-a benemerita corporação não foram approvados.

— Quiz a mesma corporação realizar uma kermesse, destinando-se o producto á compra de materiaes de incendio, — novas difficuldades surgiram, até que chegando de Lisboa o sr. Vera Cruz, presidente da camara, e telegraphando para o governo, se conseguiu então immediatamente a licença pedida.

Em presenca de taes factos, os animos chegaram a irritar-se tanto em S. Vicente, que esteve para se organizar um comicio, para lavar o seu protestó e pedir a separação administrativa dos dois grupos de Sotavento e Barlavento, ideia que foi adiada.

Orá, realmente, S. Vicente, de cujos grossos rendimentos publicos, vive a capital, devia merecer d'esta mais carinho, mais solicitude e maiores facilidades na resolução das suas justas pretensões e nobres aspirações de desenvolvimento e progresso.

Esperamos, pois, que s. ex.^a o governador a quem

fazemos a justiça de julgar extranho aos factos que se tem dado, não permitirá de futuro a continuação dos propositados obstaculos e peias, que se estão pondo ao incremento de S. Vicente, e prestará a sua disvelada solicitude e attenção ás necessidades d'uma ilha, que tem jus, pela sua importancia e especiaes condições, a um maior desenvolvimento e a uma mais rasgada e franca protecção governativa:

S. Vicente.

SILVA CAMPOS.

A MUDANÇA DA CAPITAL

Vêmo-nos forçados a intervir na polemica que aqui se tem levantado sobre este assumpto entre dois dos nossos esclarecidos e apreciaveis collaboradores: o sr. A. e o sr. E. Tavares.

Contra os nossos desejos e recommendação, esta questão, ultimamente, desviou-se da linha em que devia rigorosamente ser discutida, e por isso, pômos o nosso voto á continuação da polemica travada entre aquelles nossos illustres collaboradores, publicando todavia hoje a justificação do sr. E. Tavares e um outro artigo do mesmo senhor sobre a questão ventilada da *mudança da capital*, por não conterem referencias pessoaes.

O sr. A. enviou-nos a resposta ao ultimo artigo do sr. E. Tavares, verberando e incriminando a fórma de argumentação usada por este senhor, e increpando-nos tambem por tel-a admittido contra o programma traçado pela *Revista*.

É certo que o sr. E. Tavares, por um excesso de argumentação, lançou mão de phrases violentas e des-respeitosas, que não approvamos, mas tambem é certo que não podiamos mutilar aquelle artigo, sem alterar profundamente a sua essencia, e assim demos lhe publicidade, pedindo em seguida ao auctor que eutrasse unicamente no campo das demonstrações.

FOLHETIM

AMORES D'UMA CRÊOLA

POR

ANTONIO DE ARTEAGA

Scenas d'amôr

Voltemos aos nossos dois aventureiros, que deixamos a transpôr os muros de uma propriedade como dois ratoneiros.

A ribeira de Antonia constituia uma boa e rendosa propriedade, bem cultivada, e tendo uma agradável vivenda. Cercava-a um alegre jardim, coberto de flores, formando, n'alguns pontos, um verdadeiro bouquet, pela variedade e disposição das côres. Descobria-se, logo ao primeiro exame, que a vida d'aquellas plantas estava entregue á guarda e ao cuidado de mãos feminis.

E assim era. Maria, uma joven e encantadora creôla, de 18 annos de idade, exercia ali o papel de jardineira. Possuia, então, todas as graças e formosura de uma mulher. Tinha a côr morena e não podia dizer-se mulata. A pelle, finissima; as fórmas, da mais esmerada elegancia, como talhadas a cinzel; os olhos, pretos e suaves como a ondulação do velludo, envolviam quem os fitava n'um extase inebriante; e uma fiada de perolas, que uns labios pequeninos deixavam ver quando se entreabriam n'um sorriso, pediam os ternos beijos d'um louco amante. Possuia, enfim, todos os

Em resultado d'este pedido, apparece hoje um brilhante artigo do sr. E. Tavares, sobre a questão, no qual vem provar que se algumas vezes se deixou arrastar na corrente impetuosa d'um genio altivo e irremprimido, tambem sabe tratar com o maximo criterio, reflexão e prudencia os assumptos de que se occupa, juntando áquellas qualidades, muita erudição, observação e intelligencia.

Ao sr. A., um dos nossos abalisados collaboradores e a quem devemos uma activa e esclarecida cooperação, desde o inicio d'esta publicação, pedimos queira approvar este nosso proceder, retirando a publicação da sua resposta ao sr. E. Tavares, e pôndo ponto á polemica, e esperamos isso, tanto mais, quanto reconhecemos e admiramos a cordura, a proficiencia e o acerto com que s. ex.^a tem tratado esta questão da *mudança da capital*, questão que muito desejaríamos ver discutida serenamente e com a gravidade que o assumpto reclama.

Ficam, pois, as columnas da *Revista* á disposição dos srs. A. e E. Tavares, para continuarem a discussão dentro d'outros moldes e sem a minima referencia pessoal.

D'outro modo cortaremos peremptoriamente esta discussão.

Não queremos lançar a sizania entre os nossos collaboradores, nem quebrar o nosso programma.

O DIRECTOR.

RENEGADOS

Não ha nada mais repellente, mais ascoroso e nojento do que o homem que renega a sua patria.

O patriotismo foi e será em todos os tempos uma virtude, e um sentimento sublime que todo o homem de bem deve abrigar no intimo da sua alma, como um

caracteristicos da andaluza, a par d'essa languidez — que tambem é um encanto — das filhas dos tropicos.

Muitos jovens lhe tinham deposto aos pés o coração e, com elle, a sua mão. A joven creôla a todos recebia com um sorriso, regoitando, porém, os galanteios.

Eram seis horas da tarde. Maria, com um pequeno regador orvalhava, com o maximo interesse, as suas flores, enquanto seu pae, homem já edoso, encostado a um marmelleiro, seguia, satisfeito, os movimentos da filha.

— Maria, exclamava elle, como te sentes contente ao tratar das tuas flores. Chego, ás vezes, a ter ciúmes! Parece que as amas mais do que o teu velho pae!

— Não diga isso que me magôa. Não amo ninguem tanto como a meu pae.

— Não duvido. Porém, com o tempo, o teu coração ha de palpitar por alguem. Não me disseste que tinhas muita sympathia por Thimoteo, o filho do meu amigo Manuel Gomes?

— Quando, meu pae?

— Já te esqueceste. Olha, vejo ali um excellente casamento. Thimoteo é um bom rapaz, filho d'uma familia distincta e possui uma fortuna.

— Mas, meu pae, não gosto d'elle e um casamento, embora vantajoso, só deve ser feito por amizade.

— Então a menina já tem algum escolhido do seu coração?

— Eu, não, meu pae.

— Bem! Bem! Veremos isso e palavra de Thomé

dever sagrado, como expressão de dignidade, nobreza e brio, que eleva o homem impondo-o ao respeito, nobilitando-o, e fazendo-o capaz de praticar os actos mais heroicos, mais grandiosos, mais extraordinarios.

A Historia dá-nos d'isso exemplos admiraveis, assombrosos.

O homem sem patriotismo, é uma creatura desprezível, um ser abjecto, um monstro, de cujo contacto se deve fugir como d'um leproso.

Quem não tem amor á sua patria, á terra que o viu nascer, é incapaz de amar ninguém.

E' um aventureiro, sem amor á familia, sem dedicação aos amigos, sem caridade, sem religião, sem pudor, sem vergonha, sem dignidade, sem brio e sem honra.

Confiance-se nos o coração, amargura-nos a alma ter de dizer que entre os filhos das colonias, ha traidores, ha renegados!

Ha alguns que se envergonham de ter cá nascido e que lhes sóbe ás faces bronzeadas o rubor da vergonha, quando não podem occultar o paiz em que nasceram!

E porque vos envergonhaes? perguntamos nós.

E', por ventura deshonra o ter nascido em Africa?

Valeis menos por isso, se por acaso tiverdes merecimentos?

Para que esse fingimento?

Era melhor que esses impostores se convencessem que o papel que representam é muito ridiculo, e que todo o homem quando ama a sua patria, é um homem de bem, e quando é um renegado, merece o desprezo de todos, o muito especialmente d'aquelles a quem bajulam, e a quem servem, contra os interesses de sua patria.

S. Vicente.

SILVA CAMPOS.

que se o pilho... São horas de me recolher, por causa do reumatismo. Já é noite. Vamos.

Pae e filha, seguindo ao longo de uma alameda de nespereiras, entraram em casa.

A vivenda de Thomé da Veiga não era um palacio, mas uma commoda e agradável habitação. Para o lado do caminho, especie de azinhaga, proximo ao muro limitrophe da propriedade, olhavam as janellas do quarto de Maria.

Pelas 11 horas da noite, algumas pancadas mui leves n'uma d'estas janellas, despertaram a attenção da joven creôla, e, encaminhando se para ella, abriu-a, e as suas primeiras palavras foram: És tu, Frederico?

— Sim, Maria, respondeu o vulto.

— Tardaste tanto hoje?

— Tive de me demorar na cidade, por motivos que nos dizem respeito, e que te vou expôr.

— O teu amigo, veio?

— Está ali em baixo.

— Oh! como é bom. Hei de amal-o como um irmão.

— Sim, Maria, tu és um anjo de bondade. Mas to dos os nossos mais doirados sonhos estão em muito mau caminho. Receio uma catastrophe.

— Porque, Frederico?

A lepra em Santo Antão

Voltamos a chamar a attenção dos poderes publicos competentes para que se adoptem urgentes medidas sobre esta grave doença, pois todos os dias recebemos da ilha de Santo Antão noticias muito graves a este respeito.

Já lá vão 4 mezes que chamámos pela primeira vez a attenção para este caso, e até hoje, que nos conste, nem um passo se deu.

Ora, é preciso esclarecer a verdade: se existe a lepra, em larga escala, em Santo Antão, como affirmamos, e o governo não toma providencias immediatas, cabe lhe grandes e graves responsabilidades, e se é falso o que temos avançado, pedimos nos persigam pelo crime previsto e punivel no Codigo Penal Portuguez, por dar falsas declarações ás auctoridades.

É preciso, pois, escutar-se a voz d'um povo, que reclama uma medida justa e humanitaria; é preciso que a *Revista de Cabo Verde*, na sua missão de propugnar pelos interesses d'esta provincia mereça mais alguma attenção e não seja forçada, já que está clamando n'um immenso deserto, a levantar mais alto os seus brados.

Em nome, pois, de um povo ameaçado de uma terrivel calamidade, em nome da Humanidade, em nome da Justiça e do Direito que assiste a esse povo, pedimos e esperamos que s. ex.^a o governador chame a attenção da ex.^{ma} junta de saúde para o caso de que se trata.

O pobre, o humilde, quando reclama justiça deve ser ouvido, tanto mais, quanto é desprotegido; e é mais nobre ouvir o do que despresal-o.

RIGORES FISCAES

São tantas as peias, as difficuldades e entraves que se está pondo ao trafego commercial em S. Vicente,

— Em primeiro lugar, teu pae não consentirá no nosso enlace e tem em vista unir-te com o filho de Manuel Gomes.

— Não casarei com elle.

— Ainda não é tudo. Brevemente Thimoteo faz 21 annos e seu pae tenciona festejar esse dia dando um baile. N'essa occasião será pedida a tua mão.

— Mas hei de oppôr-me.

— Escuta, ainda. Amanhã deve aqui vir Manuel Gomes e seu filho, creio que para se estabelecerem negociações.

— Não. Nunca.

— Nada conseguirás de teu pae. Eu, para estar em dia com o que se passa, mandarei aqui o meu fiel creado Antonio.

— Olha, Frederico, quando todos os planos falharem, resta-me um ultimo recurso: — fugir contigo.

— Oh! Maria, como me amas! Como é nobre e grande o teu coração!

— Tú vaes ao baile de Manuel Gomes. É natural que lá nos encontremos. Ali, em vista dos acontecimentos, resolveremos o que devemos fazer.

— Pois sim, e até lá, que Deus nos proteja. — Adeus, Maria!

— Adeus, Frederico.

Ao acabarem estas palavras os labios dos dois amantes uniram-se, e as selvas escutaram o som de um beijo.

(Continúa.)

que parece ser de proposito para o anniquillar ou arruinar.

As exigencias são de tal ordem que os proprios empregados do fisco se vêem altamente embaraçados e constrangidos para as cumprirem.

Até aqui, bastava que o empregado encarregado da verificação se certificasse do conteúdo dos fardos e volumes submettidos a despacho de consumo, dispensando-se o completo desarmamento d'elles; hoje, exige-se o inteiro retalhamento dos fardos para es-a verificação e nem se permite que o negociante os torne a reconstituir convenientemente, porque, dizem os empregados do fisco: «é necessario, para prova de que se fez uma rigorosa verificação, que os fardos mostrem a apparencia de terem sido totalmente abertos!»

D'este brutal e extraordinario processo resultam graves prejuizos ao commercio e nehumas vantagens para o estado, denotando apenas a pouca confiança que ao governo inspiram os encarregados das verificações aduaneiras.

Ora é muito preferivel, n'este ultimo caso, que o governo faça substituir immediatamente os empregados que não mereçam a sua confiança, do que expôr o commercio a este vandalismo e os funcionarios honestos a semelhante humilhação.

Quanto ao despacho de transito livre, são tambem enormes as peias, chegando mesmo a ser ridiculas e disparatadas as exigencias e formalidades que actualmente se exigem.

É obrigatoria a pesagem de todos os volumes, sejam de que natureza fôrem, e leva-se tanto a risca esta exigencia que até são pesadas as coisas mais insignificantes e ridiculas.

E tudo isto para evitar o contrabando!

Ora, parece que só o governo ignora a fôrma como se faz o contrabando em Cabo Verde, pois, se tivesse conhecimento d'ella, decerto não estaria vexando e sobrecarregando de trabalhos e difficuldades o commercio lícito, com exigencias absurdas e ridiculas, deixando abertas de par em par as portas principaes por onde entram e sahem descaradamente os contrabandistas.

E a proposito occorre-nos o curioso facto que aqui se está dando.

Ao passo que o desgraçado que tem de passar pela via dolorosa da alfandega os despachos de suas mercadorias, tem de suar o topete, perseguido por mil e uma exigencias e rodeado de um exercito de empregados que espiam uns aos outros, accumulam-se todos os guardas na ponte-caes, para serem transportados para bordo dos vapores, deixando em completo abandono todas as outras pontes e praias da cidade, onde, com mais proveito, deviam estar a vigiar, e isto, segundo nos dizem, porque não podendo a alfandega dispor do vapor do governo, que está sob a exclusiva superintendencia e administração da capitania, se não nas occasiões das visitas de saude, não pôde desviar d'ali os guardas, para estarem promptos á primeira voz d'embarque.

Sabemos que o actual administrador da alfandega sr. Aurelio Martins, entrou animado da melhor boa vontade de organizar convenientemente os serviços d'aquella importante repartição e que tem feito grande numero de propostas n'este sentido, as quaes, se fossem approvadas, muito melhorariam o serviço aduaneiro; mas, infelizmente, pelo que estamos vendo,

taes propostas tarde ou nunca serão alteradas, com gravissimo prejuizo para o estado e para o commercio.

S. Vicente.

SILVA CAMPOS

D. Joaquim, Bispo de Cabo Verde

Seguiu hontem para o reino, o meritissimo prelado d'esta diocese, D. Joaquim Augusto de Barros.

Ha quinze annos que s. ex.^a governa com inextinguivel zelo esta diocese, que comprehende esta e a provincia da Guiné, tendo feito progredir de um modo evidente os negocios religiosos confiados á sua mui sábia, zelosa, prudente e illustrada direcção.

Desde 1884, em que s. ex.^a tomou posse d'este bispado, tem sido tão effizaz a educação e o ensino no seminario, que este estabelecimento já produziu 28 sacerdotes, ao passo que desde a sua criação (1866) a 1884, tinha produzido sómente 21. O numero, porém, nada diria, se os padres que têm sahido ultimamente não tivessem, como têm, uma habilitação que não envergonha ao clero mais illustrado, e se não fossem parochos modêlos, instruindo e educando o povo, fomentando as práticas religiosas e concorrendo para elevar a nossa provincia á altura que lhe compete na escola da civilização.

O zelo de S. Em.^a pelo nosso progresso moral e religioso levou-o algumas vezes a usar de rigor, castigando parochos surdos á sua voz pastoral, obrigando-os com repetidos avisos, pastoraes e censuras, a fazerem catechese aos meninos e práticas aos adultos; a executar, com todo o escrupulo, o registo parochial e a reformarem abusos, ao mesmo tempo que tem galardoado aos que levantam egrejas, restauram capellas e ensinam ao povo, cumprindo o seu dever parochial.

S. ex.^a visitou todas as freguezias e a provincia, tendo-o feito porém gradualmente, pelas grandes difficuldades do mar e maus caminhos: S. Thiago em 1886, Fogo e Brava em 1888, Boa Vista e Sal em 1894. S. Vicente e Sal em 1896, tendo mandado tres visitantes a Guiné e Sotavento.

Reservando para mais tarde a exposição dos importantes serviços de s. ex.^a, visto como s. ex.^a regressa breve á diocese para continuar os seus trabalhos, apesar da sua já avançada idade, terminamos esta noticia, desejando a s. ex.^a o restabelecimento das forças perdidas no seu dedicado munus pastoral, uma completa satisfação no seio da familia e um regresso tão breve como precisa o rebanho que está confiado á sua vigilante e suprema guarda.

Boa viagem, feliz e breve regresso.

S. Nicolau.

P. A. DA C.

JUSTIFICAÇÃO

Insinua-se que faço das serenass discussões geraes irritantes questões pessoases.

Justifico-me:

Na guerra contra o absurdo procura-se destruir o absurdo, inutilizando tudo quanto lhe pode servir de sustentaculo.

Empenhei-me em combater o deslize d'uma sociedade condemnada; os erros d'ella são brechas. Lancei mão d'um; salientei o facto d'um melhoramento de grande alcance economico, decretado por um ministro intelligente, por um grande cidadão, Sá da Bandeira, e não posto em vigor por uns anonymos da historia

que nem nome têm. Ataquei, assim, o governo, os que mandam, as dependências pecuniosas que collocam a governança á disposição dos dinheirosos, a falta de seriedade, a carencia de juizo pratico, e, em conclusão, a sociedade tal como ella está politicamente constituida.

A questão da mudança da capital, desabonando moralmente o criterio administrativo e os intuitos de progresso d'esses homens, é um erro; trouxe-o á balha e disse ao publico, sobre ella, quantas verdades eu sabia. Accentuei a parcialidade e a desorientação do governo, e demonstrei o que affirmei, com essa cousa justa que elle devia ter feito e não fez.

Entretanto, sahem-me ao encontro: um senhor por quem nem lenho estima nem consideração, porque, muito naturalmente, se me não antolhou, ainda, nem occasião nem razões para tal; e outro, a quem, tantos laços de amizade e respeito, me unem.

Visei-os e desfechei.

N'isto, ouço dizer, estentoriamente: — Isto não é lealdade; é desfigurar a discussão, arrastando-a ao termo das questões pessoases.

Mentira. E eis porque:

Na guerra, o soldado, sem ser o ponto discutido, a razão das conflagrações, a causa do litigio, contitue-se alvo das pontarias.

Assim, n'esta questão, o sr. Fulano que não é, em si, aquillo que combato; fez-se, simplesmente, alvo dos meus tiros; é um obstaculo que removo.

Interpoz-se, pul-o fóra do combate.

Tem-se em vista, n'uma guerra, menos matar o soldado que vencer o inimigo; para, porém, se chegar a este fim é preciso passar por aquelle meio.

Da mesma fôrma:

Na guerra movida a uma sociedade ha o ataque directo a cada membro d'ella.

Entro n'um meio corrupto; a infecção pode combalir tudo. Ataco esse meio.

Uma estocada abre um craneo; outra bala vara um peito.

Tornei a questão pessoal?

Não.

Ataco uma entidade abstracta nos seus termos concretos.

Vou-lhe aos bubões e lanceto-lh'os.

Eu não quiz aggreir este ou aquelle, nos seus respetos privados, nas suas cousas intimas. Vibrei, simplesmente, uma estocada á cabeça do primeiro pretoriano que se approximou.

Arredei um obstaculo e continuei no meu caminho, muito serena e desassombradamente.

Respeito, sufficientemente, tudo quanto é respeitavel: desde a infamia que se occulta até á ineptia que se exhibe.

Lastimo o pedantismo assoprado n'um engorgitamento de nescaia vaidade. Venero a liberdade em todas as suas manifestações: desde a faculdade de discutir até á licença de asneiar.

Não combato, em summa, uma individualidade X senão na legitima representação que ella tem nas trincheiras d'aquillo que eu, por convicções, condemno.

Desprezo infinitamente esta sociedade em cujo meio vivo. Desprezo-a e lamento-a em todas as manifestações da sua fraqueza.

No seu luxo, na sua vaidade, na sua ignorancia, na sua hypocrisia, na sua cobardia.

Não peço, porém, seja ella castigada, amarrada a um pelourinho; desejo, simplesmente, a sua regenera-

ção, a sua remodelação, a sua reconstituição, sobre bases mais claras, mais puras, mais humanas.

Reduzam-m'a, a essa macaca, a termos de não poder fazer mal e de ter a percepção do Bem, que terão feito cousa meritoria.

Eu desejo escolas não só para a infancia, senão para os velhos.

A' aula com toda essa abstrusa velhada. Ensine-se-lhes tudo; desde as mais preliminares regras grammaticas, até aos mais rudimentares principios de moral e civismo.

Foram elles que reduziram a honra a um peito bordado, que ostentam nas salas e mandam á lavadeira, assim como umas ceroulas.

Da religião, da Crença, da divina intuição da Bondade e do Amor; da paciencia e da abuegação fizeram essa cousa absurda, adulterada que blasfema e se benze ao mesmo tempo.

Desprimoraram a Fé, viciaram a Crença, e, d'ahi lhes adveio a desastrosissima fraqueza d'animo que é o apanagio e a linha mais caracteristica d'esta nossa geração. E, quêdam se em parvoas admirações quando eu, que não creio no Inferno, porque tenho que, absolutamente, crêr na Boudade, lhes perdoo e os lamento!

Acho também que não é necessario que, aquelles que me aborrecem, tanto se afanem em convencer o publico das portas de botica, de que sou insolente, malcreado e não sei que mais.

Eu mesmo me apresento.

E, o publico, em geral, quando souber que causa advgo, que infamias combato, ou é honesto e estará indubitavelmente a meu lado, ou é pulha e tel-o-hei a respeitosa distancia de mim.

Não ataco, pessoas, pois.

Nada tenho com a maior ou menor desvergonha pessoal de cada individuo na sua manifestação particular.

Abomino a maledicencia e a detração.

Esta gente, tarde, ou talvez nunca, chegará a comprehender o que eu quero, quaes os meus fins.

E. TAVARES.

MANIFESTO

AO POVO DE CABO VERDE

Cidadãos:

Ha longos annos que os grossos rendimentos publicos da ilha de S. Vicente, estão sendo consumidos quasi inteiramente em melhoramentos na capital da provincia, com sensivel e grave prejuizo para o desenvolvimento e prosperidade da ilha de S. Vicente, votada ao abandono, apesar de ser a illha mais exposta aos reparos de nacionaes e estrangeiros.

E' tempo já de se levantar um brado a favor do direito que nos assiste de gozar também de alguns melhoramentos de que necessitamos, e de se protestar contra o desviamento dos nossos rendimentos, a beneficio da capital, nossa terrivel e poderosa inimiga, que todos os dias nos regateia as mais simples e justas concessões.

Precisamos de uma ponte-caes, não se nos dá;

pedimos a criação d'uma comarca, em substituição do actual julgador, não se nos dá; precisamos de um armazem para materias inflammaveis, não se faz; precisamos do augmento do corpo de policia, d'uma companhia braçal para a Alfandega, de uma escola de instrução secundaria e de tantos outros melhoramentos, e nada, nada, havemos conseguido, porque o dinheiro não chega para as luxuosas obras da capital.

A distribuição da riqueza publica deve ser justa, proporcional e equitativa, e é dever de todo o cidadão e de todo o povo livre, exigir dentro do campo da ordem, da legalidade e da justiça, a recta distribuição dos dinheiros publicos.

E se á testa da administração publica da provincia, temos, em verdade, um funcionario honestissimo, em cujas mãos o dinheiro do Estado é um deposito sagrado, temos por outro lado, luctado com o systema sempre seguido e que tem adquirido fóres de direito, de se considerar que S. Vicente tem o dever de sustentar toda a provincia.

E' contra esta tradição, contra esta injusta imposição, que chega a ser usurpação, que devemos todos protestar e pedir remedio prompto e efficaz.

E n'estes termos, estamos promovendo uma representação á Sua Magestade, pedindo que se conceda á ilha de S. Vicente metade dos seus rendimentos publicos, para occorrer aos melhoramentos de que necessita, ou que se proceda á divisão dos dois grupos de sotavento e barlavento, em dois districtos administrativos autónomos.

E' preciso pôr um còbro ao desmedido egoismo da nossa rival; precisamos fazer valer os nossos direitos e reclamar dos poderes superiores Justiça, Justiça.

Viva S. Vicente!

Revista de Cabo Verde.

MELHORAMENTOS EM S. VICENTE

Chamamos a attenção da illustre Commissão Municipal, para o deploravel estado em que se encontram os passeios da Praça Nova, e lembravamos a conveniencia da construcção de um pequeno corêto na Pracinha, e a collocação ali de mais quatro bancos de ferro.

Abastecimento d'agua na cidade da Praia

Um dos elementos de vida e um factor de hygiene nos grandes centros e, principalmente em Africa, é a abundancia d'agua para o uso domestico, lavagens, banhos e irrigação das arvores e jardins ou massiços de verduras.

A agua de que se faz uso na cidade da Praia, é a que vem encanada das nascentes do Montagarro, a cinco kilometros de distancia, para o seu deposito no largo da Boa Vista, hoje do Neves Ferreira no extremo norte.

Quando se fez o primeiro encanamento para o antigo deposito ao centró da cidade, obra levada a effeito pelo conselheiro Mancel Antonio Martins, a população da então Villa da Praia, não tinha metade dos habitantes que hoje conta, nem se haviam estabelecido os diferentes logarejos que a circundam.

A navegação tambem era muito menor e, alem d'isso, os navios faziam aguada dos poços da Fonte Anna.

Tendo o governo comprado ao conselheiro Martins

o encanamento e o deposito, mais tarde quando este foi demolido para a construcção d'outro e se substituiu a tubagem, exploraram-se outras pequenas nascentes, mas que em pouco augmentaram o volume d'agua.

Hoje com a população que tem a cidade da Praia, com o augmento da navegação do seu porto, com o encanamento para o hospital, para o caes, o consumo d'agua triplicou, e pôde dizer-se que actualmente es-casseou e não chega para todas as necessidades.

As rachiticas arvores que se vêem pelas suas ruas e largos, despidas de verdura, estão a pedir agoa, muita agoa que se lhes não pode dar.

Um simulacro de regas, que de tempo em tempo se lhes faz, para nada serve.

Toda a vez que ha um incendio na cidade, alem de se fazer notar a falta d'agua, que não afflue ás boccas de incendio com a força precisa para servir ás mangueiras, o deposito resente-se no dia immediato d'essa sangria e tem de fechar mais cedo ao consumo do publico.

Tudo isto attesta a pobreza d'agua e a necessidade de a augmentar.

Por outro lado a agua do Montagarro, comquanto seja potavel, não é da melhor qualidade, e tanto assim que hoje a maior parte da população mais abastada, manda buscar asua á Ribeira da Trindade, a sete kilometros da cidade, a qual é incontestavelmente superior á do Montagarro para o uso domestico, por ser muito mais leve.

Encanar essa agua ou uma parte para a cidade, pois que ella abunda na referida ribeira, onde ha muitas nascentes ainda por explorar, eis o problema a resolver.

A parte d'essa ribeira, onde existem as maiores e melhores nascentes, é propriedade da mitra de Cabo Verde, e estamos convencidos que se o governo se entendesse com o Bispo da Diocese facilmente se poderia chegar a um accordo, ou por meio de indemnisação ou por compra da parte que fosse necessaria para se conseguir este melhoramento.

Por esta forma não ficariam prejudicados os rendimentos da mitra, porque poderia esta empregar o producto da venda ou da indemnisação, em fundos publicos, que lhe daria um juro remunerador.

O governo poderia arrendar os terrenos que fiquem fora da area das nascentes, e lançar mesmo um pequeno imposto sobre a agua encanada, por um determinado tempo, para amortisar a despesa com a obra, que poderia ser, em media, de dois réis por decalitro.

Assim, alem do sobejo d'esta agua, ficava toda a do Montagarro disponivel para lavagens, regas e para alimentar as bocas de incendio.

Poderia então a cidade ter boa agua para a alimentação e para aguada dos navios, e poderiam arborisar-se as suas ruas e praças e ajardinal-as, transformando em aprasiveis passeios esses espaços nus, onde mal pode passar-se sob a acção do ardente sol.

A idéa ahi fica registada, não nos parecendo que seja difficil levar-a a effeito.

Quando e quem pensará em realisar-a?

A.

Dr. Ferreira da Silva

Regressou á provincia e assumiu o cargo de presidente da Junta Governativa do Bispado, o Deão da Sé de Cabo Verde, sr. dr. Ferreira da Silva, tambem vice-reitor do seminario.

Á amabilidade de S. Ex.^a devemos a leitura do seu ultimo e interessante livro, *Apontamentos sobre o*

Seminário de Cabo Verde. obra que denota muito estudo, muito critério e elevada competência, da parte do seu laureado auctor.

A MUDANÇA DA CAPITAL

Força, é, pois, apegarmo-nos á estatísticas, já que essa má cegueira dos que não querem ver, assim o exige.

Abordemo-nos ao irreductível argumento, a eloquente ponderação, ás insosfismáveis razões de cifras.

Antes, porém, cumpre, de passagem, notar-se o seguinte:

Tudo o que vou dizer são cousas assás conhecidas, factos demasiadamente concretizados em algarismos e muito claramente offerecidos á comprehensão d'aquelles cujas capacidades intellectuaes se podem, alcapre-mar á altura da correcta prosa official do nosso Bole-tim.

Não venho, pois, dizer novidades; senão com muita paciência, com immensa pachorra, com inexgotável bom humor, repetir o q'ua já está dito e demonstrado por tantos factos e o que, porventura, já está assás comprehendido por essa pauperrima minoria que, entre nós, pôde, afoutamente, comprehender alguma coisa mais d'aquillo que lhe convém.

Porque, — para não empanar a pureza da verdade que venho desnudando, — força é dizel-o, — no nosso meio, com aquella excepção que tanto mais honrosa é, quanto maiores são os perigos de corrupção que a rodeiam, — n'este tradicional paiz de surdos da razão, ha muita gente que, como o Cunha, de gaiteira memoria, sabe e não lê, e não pouca que, contrariamente, lê e não sabe; e, mais lucra, quem se quer fazer ouvir, em falar aos que entendem e não lêem que aos que leem e não entendem.

Eu, entretanto, tenho-me, sempre, dirigido áquelles que podem com independência ter uma opinião propria sua; e, ou modificá-la em face d'argumentos ponderosos que se apresentem, ou mais se arraigar a ella em razão d'outros argumentos que produzem.

Não falo, pois, aos avaros, aos assalariados, nem aos ignorantes; senão á minoria ilustrada de Cabo Verde.

E, se precipitadamente o faço, é que, me acicata a pressa de o fazer antes que se accentue uma grêve que se levanta ahí pela sombra d'umas inconfessaveis fraquezas...

Movimento esse que, prometto, mais tarde, quando se tenha definido, autopsiar e classificar na justeza do respectivo merecimento desmascarando-lhe os perniciosos effeitos.

Lanço mão da gazeta official da provincia, n.º 18 e 19 do corrente anno; e vejo em cifras muito redondas, muito claras, muito ponderativas, o seguinte: que passo a notar, temperando-o com a sua pontinha de bom humor, absolutamente indispensavel para não ariscar a atenção do leitor refractário, como eu, a injectões d'algarismos:

	Valores	Direitos
Em 1898 a alfandega da Praia importou.....	258:476\$241	26:347\$754
E a de S. Vicente.....	1.172:052\$402	133:218\$855
Diferença para mais em S. Vi-cente.....	923:576\$161	106:871\$104

N'este excedente entram 88:625\$232 réis de carvão de

pedra. Posto que, da parte d'alguns discolos, haja duvidas em classificar esse imposto como *rendimento*, — eu, que não alimento taes duvidas, ahí o englobo, sem o minima receio de errar; porque no meu fraco entender, elle como tal deve ser considerado, mesmo a despeito de todas as palpitantes probabilidades de que esteja ahí a romper o resplandecente dia em que os automoveis interoceânicos venham destrouar o carvão, a negra medulla da Inglaterra que imprime ao cyclópico trabalho moderno, toda essa extraordinaria energia, toda essa titanica força, todo esse terrível progresso que levon um sábio francez, Eugenio Huzar, a prophetisar o fim do mundo pela sciencia, dando ás tragedias de Prometheu e de Ischemschid, aos dramas de Meschia e Meschiam bebendo o leite da cabra de Abrimann e Adão e Eva trincando a maçã da serpente, — a sua mais justa e racional interpretação.

Avultam, pois, com toda a sua imposição de realidade incontestavel, abonando a superioridade de S. Vicente commercialmente falando, esses 106 contos; os quaes, em boa conta, força é confessar, (em que pese aos nossos Pangloss financeiros), nada se parecem com ess'outros mil e um contos que fazem as delicias dos nossos orçamentos e povdam de róseos sonhos de esperança o estreito cérebro d'essa pobre tísica — a Patria — a cuja agonia, impávidos e hestialisados, assistimos, como filhos, de cujos corações uma educação servil e utilitaria tenha lavado os derradeiros chorumes d'aquella velha e gloriosa herança de abnegações e patriotismos.

Passando á exportação, presinto, em certa fileira, irrepremidio movimento de alegria.

	Valores	Direitos
No mesmo anno a alfandega da Praia exportou.....	123:985\$346	11:549\$008
E a de S. Vicente.....	4:330\$180	29\$919
Diferença para mais na Praia.	119:655\$166	11:419\$989

Aquí, S. Vicente que já deu, na importação, um rãpa de 100 contos, leva, por sua vez, um capotinho de 10 contos.

Vejamós, porém.

S. Vicente importa 920 contos mais que a Praia.

A Praia exporta mais 120 contos que S. Vicente.

Se, evidentemente, sob certos pontos de vista, essa superioridade na exportação demonstra a superioridade agricola de S. Thiago, (dou, aqui, de barato que toda a ilha entre no computo), estabelecido o confronto pelos são principios, pelos quaes deve ser avaliado o grau de prosperidade d'um paiz, — salta á evidencia a extraordinaria superioridade de S. Vicente, em proporções dez vezes superior, que, tal é a diferença que vai dos 10 contos de exportação na Praia aos 100 contos de importação em S. Vicente.

Porque, não é novo que o progresso d'um paiz mede-se menos por aquillo que o sólo. — quasi espontaneamente, sem grandes trabalhos que atestem intelligencia, — produz e offerece áquelles que o vem buscar, que pela riqueza conquistada á força de trabalho; e que pôde demonstrar a opulencia d'um sólo, mas que, evidentemente, atesta, maiormente ainda, o desenvolvimento d'um meio, o seu estado de civilização, as suas excepçoes condições de progresso, a sua actividade; pois que taes são as suas circumstancias que, mesmo despojado de producção propria, cerca-se de tudo, provê-se de tudo, e progride sem estacionamentos, sem preoccupações com a meteorologia, — o pesadello d'estas infelizes ilhas.

Uma grande importação quando não é paga por, pelo menos, igual exportação, é sufficiente demonstração de actividade commercial, de riqueza ou de credito.

Uma grande exportação quando é descorrespondida por importação que lhe esteja em relação, deixa-nos a impressão da frouxa actividade d'um meio, d'um pobre movimento commercial, pondo em relevo uma riqueza rudimentarmente explorada, mediocrementemente comprehendida por os elementos que a exploram. De tal centro, no qual, o movimento commercial e a importação d'aquillo que não produz (que é tudo, pois que não tem industria) não chegam a estar em relação approximada com o producto agricola e a exportação d'aquillo que produz (que é pouco quanto a variedade) de tal paiz dizem-nos as sãs razões economicas consultadas:

« Veem-lhe buscar aquillo que elle tem; nada lhe mandam, porém, d'aquillo que elle não tem... naturalmente porque, mesmo não tendo, não precisa ».

Ora, a necessidade, é um dos traços mais característicos da complexa physionomia da civilização.

Paradoxo?

Eu não respondo pela myopia de ninguém.

Malbemos ainda, como o mau ferreiro, n'esse ferro frio:

Um paiz que não tendo exportação alimenta grande importação é, indubitavelmente, um paiz de desenvolvido commercio, que, ou tem credito ou tem dinheiro, como já disse, pois que, sem contar com produções proprias, com que pague o que compra, sustenta grande tráfego commercial.

E, esse tal, dado que um governo de juizo, pratico, lhe imprima actividade industrial correspondente á sua actividade commercial, terá entrada no caminho que leva á opulencia, e que tem feito de terras estereis o ponto de conversão dos productos de ricos paizes limitrophes, constituindo-se, por uma série de circumstancias, taes como a posição geographica, a navegação e outras, mercado e emporio commercial.

Ha a riqueza que se produz espontaneamente, sem methodo, sem esforços de intelligencia, sem somma da trabalho que esteja em relação com a importancia do producto.

Ha essa outra riqueza que é o resultado directo da vontade, energia e intelligencia, regulado tudo por os modernos methodos de trabalho.

A primeira, confiada a si mesma, desajudada de outros meios de desenvolvimento, como são as communicações, a navegação e o con-umo certo a dar derivativo e a promover, pelo premio do trabalho, o augmento do producto, — nunca passa d'aquella fatalidade extraordinaria das cousas inuteis por falta de meios de as tornar uteis.

A segunda, como ás suas proprias condições de centralização, de comunicação, de actividade commercial, deve a movimentação da sua vida, n'essas mesmas circumstancias baseia o seu futuro e concretisa as suas aspirações.

Eis porque, a meu vêr, a aliás pequena superioridade de exportação da Praia, não dando, na importação, nota correspondente, não é nitida significação de progresso; antes, denuncia maior atrazo porque demonstra que S. Thiago, mesmo com as suas riquezas naturaes, não consegue hombrar com S. Vicente, que, nada produzindo agricolamente, manda todos os annos

mais de 100 contos de réis em dinheiro para a capital, que tanto produz, relativamente, e tão pouco mostra valer.

Em 1896 pagou a cidade de Mindello contribuição industrial na importancia de	6:627\$318
E a cidade da Praia	2:965\$635
Differença para mais em S. Vicente	3:661\$683

Note-se: na importancia liquidada na Praia entram 217\$876 réis de annullações.

Na contribuição industrial as annullações significam falta de negocio, falha de lucro, decadencia, parcelas marasmadas da actividade commercial, tudo, em summa, que prova retrocesso, enfraquecimento, tudo em contrario a pujança de vida, desenvolvimento de riqueza.

A cidade de Mindello, com a sua falta de edificios para alojamento do estado maior burocratico da provincia, pagou contribuição de renda de casas:

No anno de 1898	2:051\$793	com o valor de 34:436\$880 e a capital.	1:481\$912	» » » »	49:654\$300
-----------------------	------------	--	------------	---------	-------------

A comparação do movimento dos dois portos da Praia e S. Vicente, durante os annos de 1895 a 1897, apresenta o seguinte resultado:

	Navios estrangeiros	Tripulação	Tonagem
S. Vicente	3:805	167:563	6.754:190
Praia	24	771	30:248
Differença	3:781	166:792	6.723:942

E a do movimento de importação e exportação, durante os annos de 1893 a 1896:

	Valores	D reitos
S. Vicente	3.907:927\$610	379:126\$810
Praia	1.772:111\$684	196:770\$691
Differença	2.135:815\$926	182:356\$119

Finalmente, o imposto de carvão de pedra, (isso que, qualquer hora, vae acabar, rendeu:

De 1855 a 1864	32:833\$200
» 1865 » 1874	55:093\$600
» 1875 » 1884	151:212\$965
» 1885 » 1894	597:780\$985

Antes de abordar a salubridade, a questão climato-logica; antes que a minha ignorancia suba a exhibir, no transcendente terreiro d'estes questões scientificas, a sua aparvalhada figura de Gulliver no meio d'aquella academia de sabios que elle encontrou n'uma das suas viagens, os quaes, tão sabios eram que tiveram artes de convencer o pobre viajante de que era optimo systema de fazer casas começar a construcção d'ellas pelo tecto e acabar pelos alicerces, antes d'isso, dêem licença que respire.

(Continúa).

E. TAVARES.

GAFANHOTOS

Para os agricultores da provincia de Cabo Verde, não será indifferente ter conhecimento de um processo effcaz para a destruição dos gafanhotos, que a infes-

tam amindadas vezes, principalmente nas ilhas da Boa Vista, Sal e Maio.

Experiencias feitas no anno passado na republica Argentina, que foi victima de uma invasão d'estes insectos, e ultimamente na ilha da Boa Vista, asseguram a efficacia do meio destruidor que é simples e relativamente pouco dispendioso.

Eis a formula e o meio de a empregar:

Dissolve-se uma libra de arsenico em quatro canadas d'agua a ferver com tres onças de soda caustica, ou mesmo menos por causa do gosto amargo (n'uma porção mais pequena de soda caustica, dissolve-se o arsenico, fervendo mais tempo); a isto junta-se oito canadas de melao e oito canadas d'agua.

Arrefecida a solução fica prompta a servir.

Mergulha-se depois uma porção de bagaço de canna saccharina na solução e espalha-se pelo terreno, que serve de isca para atrahir os gafanhotos.

Deve accrescentar-se uma essencia qualquer, na proporção de uma colher de chá de ether para cada quatro canadas da solução, o que dá o resultado de atrahir os gafanhotos de grandes distancias.

Deve notar-se que o veneno não affecta outros animaes; os cães passam bem com semelhante comida, que lhes faz o effeito d'um tonico fraco e melhora-lhes o pello.

Com este processo o Natal viu-se praticamente livre do flagello e este systema tem provado ser muito mais rapido do que qualquer outro.

Uma pequena experiencia feita na Ilha da Boa Vista deu magnifico resultado, tendo sido atrahidos ao campo onde se espalhou o bagaço com a solução, grande quantidade de gafanhotos, que morriam pouco depois de haverem comido com voracidade o bagaço espalhado.

Este processo deve produzir excellentes resultados se for applicado logo ao apparecimento dos pequenos gafanhotos e antes de tomarem vôo, impedindo assim a desova, o que tambem contribuirá para a sua mais rapida extincção.

Se, dadas as mãos, todos os agricultores se entregarem de boa vontade a esta tarefa, em poucos annos terão acabado com estes damnhos insectos que estabeleceram domicilio nas ilhas, restando depois alaral os quando appareçam vindos da vizinha costa d'Africa.

A.

CORRESPONDENCIA.

Lisboa, 14 de agosto.

Estamos em ferias parlamentares.

Cessou o diluvio de projectos de lei.

Era tempo de acabar com aquella farça que deprime e arruína.

As camaras, desde que se adoptou como credo politico a submissão cega, desvirtuaram os principios liberaes da instituição, tornando-se um perigo para o paiz o seu funcionamento.

A dictadura, contra a qual todas as consciencias se sublevam, não causa maior damno nem á fazenda nacional nem á moralidade na administração.

Os decretos dictatoriaes são da restricta responsabilidade dos governos que os promulgam, enquanto que, nas leis que dimanam de projectos que os governos apresentam com prévia nota que imprime a imposição de serem convertidos em lei do paiz, são salvaguardados com a pseudodesignação de «as côrtes decretaram».

Um exemplo recente confirma a nossa opinião.

Por iniciativa do sr. Barros Gomes foi apresentada ao parlamento a proposta de lei sobre concessões de terrenos em Africa, que estava tomando proporções escandalosas e de perigo para o nosso dominio colonial. Exigia-se que carecessem de approvação parlamentar todas as concessões superiores a 50:000 hectares de terrenos.

Esta proposta foi approvada e já antes da sua approvação, como providencia, um ministro honesto fizera publicar o chamado *decreto-travão*.

Moviam-se forças collossaes de influentes feridos, a proposta de lei foi remetida á camara dos pares e ali retalhada e alterada de modo que parece outra, dá ao governo a facilidade de conceder até 2.000:000 d'hectares!

— A reorganisação do exercito parece que será publicada ainda este mez.

— Foi deferido o requerimento em que o sr. Emilio Augusto da Esperança Machado, actual missionario na Guiné, pediu desistencia de continuar a servir nas missões ultramarinas.

— Não têm fundamento as noticias ultimamente propaladas de que o sr. conselheiro Villaça sahiria do Ministerio da Marinha brevemente.

G.

GUILHERME DANTAS

N'este momento, sem grande esforço de memoria. acodem-me as impagaveis recordações que conservo do infeliz poeta cabo-verdeano.

Lembra-me a ultima vez que o vi.

Passeia pelas azinhagas bordadas de roseiras e mardresilvas. Vae andando como um sonnambulo, vago, grave, como que n'um grande indifferença, apoiado á sua grande bengalla de canna da India, no profundo alheamento em que o encerrava aquella triste enfermidade da surdez.

Pela luminosa concavidade do valle vibra e repercente alegremente, harmoniosamente, a vida campesina, em toda aquella dulcissima musica *sem arte* que os dedos da madrugada desferem pelos ares vibrantes, em toda aquella deliciosa poesia *que não tem sciencia*, cantada pela primavera, desde onde o mar banha as penedias ennegrecidas, até onde as trepadeiras, os silvados e as cristas de freiras se emmarenham, formando a grenha hirsuta dos mais altos cabeços da serra.

Lateja amorosamente o grande coração da rusticidade sábia e fresca.

A montanha traz a sua branca touca de nevoa. Desce da collina fronteira uma fila de lavadeiras, alvas trouxas á cabeça. Agita-se a ramaria pendente das amoreiras. Sobrevagam aromas castos.

Tem-se uma impressão de céu; uma alegria de convalescença illuminada de esperanças.

E o surdo, dentro da sua enfermidade, vão-se-lhe os olhos, vae-se-lhe a alma toda n'essas suavidades que tanto adorava!

Pobre surdo!

Quem o visse n'aquella grande tranquillidade passiva e serena, quem bebesse a luz pura e resignada do seu manso olhar de soffredor, não diria que, no seu coração, haveria paixões e tempestades.

Lembra-me a expressão dos seus olhos, como se me banhasse, ainda, na paz que baixava d'elles. Pareciam-se imenso com o mar: tinham, ás vezes, esse brilho extranho dos abysmos muito fundos e muito povoados de sonhos; e, outras vezes, amorteciam-se n'uma grande calma inexpressiva, como se dentro dos seus olhos a expressão, a alma, fechasse os seus adormecendo; como se no puro crystal da sua intelligencia, viessem,

dôres intensas, bafejar a calma opacidade d'um mudo desespero.

E, assim como no physico, esses fortes resallos de contraste tinha-os elle no character.

Possuía essa ineffável bondade dos que sabem temperar o soffrimento com a poesia da Dôr; e, entretanto, parecia brutal quando empunhava a verdasca satyrica.

Dos seus olhos coava se, n'uma mansidão, reflexos de suavidades femininas; e, do bico da sua penna, pingava breu derretido sobre as pustulas do snobismo indigena.

Amava as creanças, amava os infelizes; era simples e morreu como Edgard Poe.

Tinha vícios e incorrecções proprias de quem viveu muitos annos em uma cidadesita com fumos, pretensões e ridiculos; tinha virtudes proprias de quem passára a infancia no regaço d'uma mãe descalça, no seio d'um povo simples e honesto.

E, essas virtudes, guardava as elle como um escapulario que, nos momentos de fraqueza, lhe instillava a força da resignação no espirito enfermo.

Do naufragio da sua mocidade salvou elle, apenas, aquellas pobres virtudes herdadas da robusta alma do Povo, cujo brilho, da sombra que os outros vícios lhe punham no character, maior realce tirava.

Não era irreprehensivel por isso que não era vulgar.

A perfeita correcção, sem fundos de sombra, dá ao character laivos de pedantismo ou o approxima muito d'essa miseria psychica que produz os pobres diabos.

Como a natureza do homem se inclina para o erro, quando, n'um character, se não sente um unico desvio, supprime-se-lhe, logo, uma preocupação que desprimora o merito.

Finalmente, a vida de cidade pequena, com todos os seus ridiculos, com todos esses pequenos incidentes que lhe são atmosfera, que apoucam, que debilitam e desvirtuam os destinos, influíu nocivamente no surdo.

Se elle vivesse em outro meio estaria collocado entre os nossos primeiros poetas.

A poesia do Dantas não se resente d'essa preocupação de escolas, fetichismo litterario, corrente variavel, por Byron hontem, por Hugo hoje, por Verlaine amanhã; capricho de moda que não pode, em absoluto, concretisar a esthesia.

Dantas não se desespera em rendilhados manuelinos nem se enfumaça em nebulosidades scientificas.

Isto é, está com aquelles que não artificiam a Natureza, como dizia Montaigne.

Como a pérola, a poesia não se faz em laboratorios. Uma vem do fundo d'alma, como outra vem do fundo do mar.

É verdade que o estudo do coração humano é uma sciencia; não é duvidoso, porém que, a poesia é menos um reflector scientifico visandoo coração, autopsiando-o, que uma irradiação divina que illumina, que engrandece, que consola, que eleva e sublima os mais rasos instinctos da humanidade. Emocionar não escarpellar.

Dantas foi, tambem, um exímio manejador da satyra.

A ironia, porém; era n'elle mais enfermidade que feição natural. Dolorosa, inspiravam lh'a o desconforto as infelidades e o isolamento em que o collocava a sua enfermidade; caustica, produziam lh'a a pandorga de ridiculos que chocalhavam os guizos da importância nescia em torno d'elle.

A sociedade em que viveu fel-o árido, secco, infeliz

percuciente, amargo, brutal. O silencio da surdez, fel-o triste, doloroso, impregnado d'um lyrismo, d'uma resignação infinita.

Foi um bom poeta.

Os seus versos teem immenso merecimento.

Ha nelles fluencia, harmonia, belleza de imagens, delicadeza de pensamentos, correcção de fórmulas.

O nome de Guilherme Dantas honra a provincia de Cabo Verde; o que não quer dizer que a provincia deve honrar-lhe a memoria, publicando-lhe os versos e pondo-lhe uma cruz de madeira sobre a sepultura, ou fazendo-lhe justiça, — pela penna dos que o podem fazer, — no aquillatamento do seu valor poetico.

Porque, em summa, o que não soffre duvidas é que, Cabo Verde, a nossa pobre provincia, tão batida de calamidades, geralmente tão despresada, com tanta falta de chuvas, com tanta falta de juizo, com tanta falta de gente, está, presentemente, demasiadamente saturada de claras intuições artisticas de superiores orientações de criticismo, para cahir n'esse inultrapassavel ridiculo, n'essa formidável asneira de enlourar um poeta que... que... que nem sequer publicou um livro!

*

* *

Amava muito a sua ilha, o pobre surdo!

Lá de longe em longe, furtava-se ao pezo das suas occupações e vinha retemperar-se nos ares patrios; e a Brava, esse alcantil onde os baleeiros, uns albatrozes, constroem os seus ninhos e têm os seus amores; e a Brava, tão pobre, tão bonita, tão hospitaleira, parecia tocar-se de alecrins e rosas para receber o seu poeta!

O surdo começava sempre pelo cemiterio a sua visita; ia-se lembrar de sua mãe que dormia alli debaixo de uma roseira brava. As moças que vinham da fonte, passavam rente do muro do adro. Se não era triste ver aquelle homem pallido, profundamente abatido, sombriamente mudo, com os olhos humidos, fixos na hervada que repulula sobre o chão humido das covas!

E, sempre, choravam, no caminho marginal, olhos tão bonitos!

Depois vinha o nevoeiro e envolvia tudo na sua grande magua branca, frigida.

Como elle amava a sua pequenina Brava!

A sua Brava em Agosto! muito alegre, muito cheia de sol; muito fresca nas galas, nitidas da sua verdura, florida da serra ao valle; perfumada a milho novo e a mangerona; vibrações de sinos a passarem alto, nos ares puros, azues; pombas a voltearem por sobre a coma ondeante dos arvoredos altos; e as arvores do café, muito luzentes nas suas folhas, muito noivas nas suas grinaldas brancas, com perfumes doces como o mel que colhe nos troncos seccos dos limoeiros!

E ranchos de raparigas...

Ai! a sua Brava d'agosto! Do dia de Nossa Senhora do Monte, quando o sol rompendo a subitos, faz sorrir, com sorrisos virgens, todas as folhas borrifadas de madrugada.

E a procissão a desenrolar-se pelas azinhagas frescas...

Ai que saudades da sua Brava! da Brava dos baleeiros; da Brava das creoulas d'olhos garços; da Brava que vae á America trabalhar antes de ir aos pateos esmolar; que parte a cantar saudades que volta a cantar esperanças.

Da sua Brava pobre, descalça, e simples!

Que saudades não te alanceariam, ó pobre Surdo, n'esse instante em que a Morte te ia instillando lentamente, o seu gelo no teu grande coração!

* *

Um dia teus ossos descançarão n'esta terra regada pelo frescor das madrugadas puras.

As moças do caminho da fonte, hão de atirar sobre a lage da tua sepultura as primicias da primavera; e as roseiras raizar-se-hão no vasio do teu craneo sonbador.

Tu foste-nosso irmão, como nós, brincaste, na tua infancia, no pendor das montanhas, subiste ás dentarias da serra; viste o mar a bramir em torno da ilha; e em tua alma gravou-se, indelevel, a poesia magestosa que se bebe junto das nuvens, nas alturas.

Has de repousar entre nós.

Tu nasceste em uma terra onde o sol se ri, como as raparigas brancas e puras: não é justo que jazas n'uma terra onde o sol morde como o escorpião

Foste modesto. Has de repousar entre a pobreza, entre flores, no seio fresquissimo da tua Brava, longe da insolencia dos marmores e da hyperbole ridicula dos pomposos epitaphios.

E. TAVARES.

RESENHA NOTICIOSA

S. VICENTE

Chegou aqui no dia 24 de julho no vapor *Orcana*, da Companhia Pacific Steam Navigation, o sr. Augusto Vera Cruz, digno presidente da Comissão Municipal d'este Concelho.

S. Ex.^a teve uma recepção muito cordeal e significativa da consideração que merecidamente gosa.

Os principaes funcionarios do Estado e quasi todo o corpo commercial aguardavam na ponte-caes a chegada de S. Ex.^a, tendo ido a bordo recebel-o o capitão dos portos da provincia, o administrador do concelho, o doutor sub-delegado do julgado e o encarregado do consulado brasileiro.

A' noite a banda da corporação dos bombeiros voluntarios municipaes, foi tocar, pela primeira vez, á porta da casa do illustre recémchegado, acompanhada de grande numero de povo, soltando n'esta occasião vivas ao sr. Vera Cruz.

Acompanhavam tambem a banda, os benemeritos bombeiros voluntarios, em grande uniforme.

Consta que S. Ex.^a vae brevemente unir-se a uma distincta menina, pertencente a uma respeitavel familia da Republica do Uruguay, que se acha presentemente, de passeio no Porto.

* *

No dia 3 de agosto, terá logar a kermesse dos bombeiros voluntarios d'esta cidade, cujo producto é destinado á compra de materiaes de incendio.

Esta corporação é crédora dos maiores elogios e applausos, pelos importantes melhoramentos que fez nos materiaes de incendio que existiam, pertencentes á camara municipal, e que se achavam em deploravel estado.

O commandante dos bombeiros é o sr. Alberto Torres, e os primeiros patrões os srs. Simão Barbosa e José Pereira Serra.

Aos briosos e benemeritos bombeiros endereçamos os nossos entusiasticos e sinceros louvores e applausos, pela obra meritoria e altamente humanitaria; que iniciaram, e que foi coroada do melhor exito.

CIDADE DA PRAIA

Nos dias 21 e 22 choven regularmente durante 16 a 18 horas em quasi toda a ilha de S. Thiago. Foi uma chuva miuda mas persistente, que muito aproveitou aos terrenos. Pena foi que não estivessem sementeados todos os campos.

As sementeiras, porém, activaram-se e estão quasi concluidas.

Noticias da ilha Brava dizem-nos que alli choveu bem, chegando a correr as ribeiras. O tempo conservou-se nublado.

—Seguiu para Lisboa no paquete passado o sr. Alvaro Adolpho Avelino Henriques, proprietario.

ILHA DO FOGO

No paquete *Loanda* seguiram hoje, tambem para Lisboa, o reverendo bispo da diocese, D. Joaquim Augusto de Barros e o sr. conego Bouças.

O reverendo bispo desembarcou em a Praia do vapor Bissau, hospedando-se no palacio do governo, onde o sr. governador lhe offereceu um jantar a que assistiram os principaes funcionarios.

—Vae abrir-se uma nova pharmacia na *Praça do Albuquerque*, propriedade do sr. Benjamin Alves.

—Ha dias houve uma reunião de negociantes, agricultores e industriaes, para lerem e discutirem os estatutos da *Associação Commercial*. Foram depois remetidos ao governo para approvação.

XIMENES.

A ALGUNS...

Leiam até final o singello conto que abaixo apresentamos, extrahido do *Jornal das Crenças*; meditem sobre elle (se teem faculdade para isso) e vejam que bella lição.

E digam-nos depois, no caso do tendeiro do conto, o que desejariam?

Naturalmente muita coisa, mas chegado o momento dado, eram capazes de pedir... uma albarda!

Succede isto a muita gente boa.

Promptos sempre para criticar os outros, fariam muito peor, se os papeis se invertessem.

Ahi vae o conto, que pode ser applicado a alguns.

Tirem d'elle a moralidade que encerra, e sejam mais... prudentes e menos pretenciosos.

A pretensão é, um vicio abominavel, e a modestia fica tão bem, é tão sympathica!

É tanto mais apreciavel, quanto quem a possui, tem um merito real.

Em casa dos insignificantes e das almas mesquinhas, nunca esse nobre sentimento entrou!

O conto é para meninos, mas ha velhos que precisam mais do que aquellos, de lições de moralidade.

O PÉ-LESTO

Era este o nome de um soldado que pertenceu a um dos regimentos da guarnição de uma cidade portugueza na raia de Hespanha, nos tempos ainda que andavam por cá as bruxas, com os seus bruxedos.

A historia de que nos vamos a occupar, contem dois exemplos em que os meninos devem pensar, para d'elles aproveitarem as lições que encerram, e que depois analysaremos.

O pé-lesto servia um capitão do seu regimento, e era tido, e com toda a razão, por um bom homem a quem ninguém podia um favor, sem que fosse servido da melhor maneira que elle podia. Sempre de bom humor, aproveitando o melhor que podia o seu tempo, que muito apreciava, era estimado por toda a gente, que o conhecia, pela alcunha do pé-lesto, devido á rapidez com que executava as ordens recebidas.

Uma noite voltava elle para o quartel com os restos do jan-

tar que tinha levado ao seu capitão, destacado no cordão sanitário, e que elle tencionava saborear á sua vontade, pois que de direito lhe pertencia, quando encontrou, sentada no chão, uma velhota, mal resguardada do frio, e extenuada de cansaço. A noite estava fria, mas secca, e n'aquelle tempo, severo, custava bem a supportar a aragem do nordeste, por aquelles campos áridos e desabrigados.

O *pé-lésto*, que ia cantando umas cantigas da sua terra, perdeu a ideia do que ia fazendo, e começou a pensar no que aquella velhota para alli estaria soffrendo, sem o mais pequeno abrigo e conforto.

«Oh tiastia!» exclamou elle ao chegar perto da velha, «então vocemecê quer ficar para ahí de noite? Vá, mais um esforço, e caminhe um pouco mais, que chega á cidade onde poderá abrigar-se melhor».

«Oh, meu filho!» disse a velha, fallando a custo. «Sou muito velha, e mal posso andar com fome, pois que ainda hoje nada comi. Era uma providencia que aqui terminasse o meu penar, porque já estou muito farta do mundo!».

«Olhe lá oh tiastinha, eu levo aqui uns restositos de comida que tinham um outro destino, mas que eu não me importava oferecer-lh'os, porque, em primeiro logar estão os mais necessitados. Quer vocemecê comer uma sopa que eu aqueço aqui n'um rufo á luz da lamparina das latas?»

«Se vocemecê me quer fazer essa esmola, eu saberia agradecer-lh'o» disse a mulher, no semblante da qual appareceu a alegria de uma esperanza.

O soldado accendeu a lamparina, e aqueceu o resto de uma sopa de massa, que entregou a pobre mulher.

Esta comeu com avidez e depois de estar confortada disse para o seu benefactor.

«Parece impossivel que por aqui tenha passado tanta gente rica e feliz, a quem tenho pedido uma esmola, e que ninguém se tenha compenetrado da minha desgraça, como você acaba de fazer, talvez até, que em prejuizo seu. Mas olhe, eu assim velha e desgraçada como sou, tenho mais poder que muitos julgam, e posso retribuir-lhe a sua boa acção de uma maneira que lhe fique bem lembrada. Posso alcançar-lhe a realisação de tres desejos seus, que me apresente agora aqui. Ora pense bem, e diga-me quaes são elles».

«Ora adeus...» disse o soldado, dispondo-se a continuar o seu caminho. Trate vocemecê de si, que bem precisa, a meu ver, porque em cá, nada mais desejo do que aquillo que possuui Saude, alegria e alguns cobres na algibeira, e está prompto!»

«Veja bem homem,» insistiu a velha. «Olhe que se pensar bem, bade forçosamente encontrar no seu intimo algum desejo em que á primeira vista não pensa».

O nosso *pé-lésto*, com a curiosidade de ver até que ponto poderia ser verdade aquella poder de uma desgraçada que momentos antes morria de fome por não ter um bocadinho de pão para si, tornou a pousar no chão as latas que levava, e aproximou-se.

«Ora então deixa lá ver se me lembro de alguma coisa!» disse elle um pouco desconfiado.

Ao cabo de alguns instantes de meditação respondeu: «Bem, quero ter sempre na algibeira dinheiro bastante para as minhas extravagancias!»

«Assim será!» disse a velha. «Mais outro desejo...!»

«Eu sei lá agora o que hade ser!»

«Ainda falta mais dois desejos. Pense bem e diga quaes serão».

«Eu não desejo mais nada... Olhe, então, que eu tenha á minha disposição, todo o vinho que ha no mundo!»

«Bem,» disse a mulher, nunca mais deixará de ter vinho a tua botija do uniforme. Agora o terceiro desejo!»

«Não me lembro de mais nada!... Com isto jáerei o homem mais feliz do mundo!»

«Não senhor, ainda falta um desejo. Pense bem e diga-me o que hade ser».

O *pé-lésto* dava tratos á imaginação a ver se lhe vinha á ideia mais alguma coisa do seu agrado. Afinal bateu na testa e exclamou:

«Mais um decilitro de vinho branco, cada dia!»

«Pois terá tudo isso, como premio ao teu bom coração; e nunca te arrependas de fazer bem. Adeus, e tem saude!»

O soldado retomou o seu caminho alegremente, e cheio de vontade em experimentar os dons que lhe tinha conferido a pobre velha, entrou na primeira tenda que encontrou, pedindo charutos.

Metteu a mão n'algibeira e encontrou dinheiro bastante, pagando a despeza bizarramente. Pediu alguma coisa para comer, e ao acabar, tornou a metter a mão na algibeira encontrando mais dinheiro, pagou generosamente a sua despeza.

O tendeiro que o conhecia extranhou tanta largueza, e perguntou-lhe se tinha recebido alguma herança.

«Nada não senhor! Isto agora é cá uma coisa que eu sei! Olhe quer ver?» e pegando na sua botija do vinho, encheu os

copos de quantos estavam, com magnifico vinho, repetindo a operação no meio do pasmo dos circumstantes, pois que a pequena botija nunca se despejava!

Instado pelo tendeiro, contou afinal o que lhe tinha succedido.

O tendeiro pôz as mãos na cabeça, dizendo:

«Pois você, seu bruto, tendo occasião de alcançar assim tres desejos, vae estragar tudo com tres tolices que não valem dois caracões? Se fosse commigo, eu lhe diria».

O homem cheio de inveja, ficou censurando o soldado quando este sahiu, e não se ponde conter sem que fosse contar o acontecimento á mulher. Esta tambem concordou que o homem tinha perdido uma occasião de ficar completamente feliz, e ambos lamentavam de não ter sido com elles que aquillo tivesse acontecido.

Assim passaram alguns dias, sem que podessem esquecer aquella felicidade tão mal aproveitada, quando uma noite ventosa e fria, enquanto sentados ao fogão, nas suas cadeiras estofadas discutindo o mesmo assumpto, elles ouviram da chaminé uma voz que lhes dizia, poderem formular tres desejos, que todos lhes seriam satisfeitos como o tinham sido os do soldado.

Os dois esposos, radiantes de alegria pelo que acabavam de ouvir, fecharam cuidadosamente as portas, para que ninguém lhes viesse interromper as suas combinações, sentaram-se commodamente nas suas cadeiras, um de frente do outro, e assim se dispunham a pensar madura e sabiamente no assumpto, para que ficassem o mais bem aproveitados possivel, os tres desejos, pois não queriam de modo algum estragar semelhante ensejo de se vorem felizes e respeitados por toda a gente, como tinha succedido com o soldado.

A chuva batia inelmente nas janellas, enquanto um fogo lento e agradável tornava o quarto confortavelmente preparado para um serão agradabilissimo.

O tendeiro, que era, acima de tudo, um guloso, não se ponde conter, no meio de tanta commodidade, dizendo a esfregar as mãos:

«O que eu desejava agora aqui, era um pudim de ovos, como aquelle que fizeste o domingo passado!»

«Cala a bocca, homem!» Ainda não tinha acabado de soar a exclamação da mulher, quando um delicado pudim de ovos apparecia no collo do tendeiro, assombrado!

A mulher, afflicta e colérica, levantou-se desesperada gritando:

«Ora aqui está o primeiro desejo estragado com uma tolice! Que desgraça! Que infelicidade a minha!»

Pois não vias que estávamos para formular tres desejos que nos seriam satisfeitos? Aqui está já o primeiro satisfeito! Que palerma! Que toleirão!! O que eu desejava é que elle agora se te pegasse ao nariz!!

Imediatamente o pudim se foi pogar ao nariz do tendeiro, que por sua vez se levantou colérico contra a mulher:

«Pois lá vêz que eu, sem pensar, já tinha estragado um desejo, e vae formular outro ainda mais tolo do que o meu? Que calamidade! Que hade ser de mim com semelhante coisa agarrada ao nariz!!»

E o infeliz fazia esforços inauditos para se livrar d'aquelle martyrio. Ao fim de muito trabalho, de muita dôr, exclamou elle: «Agora não ha remedio senão aproveitar o terceiro desejo para me livrar d'isto».

«Não, não! pelo amor de Deus!» gritava a mulher não es-
traguemos o ultimo desejo. Tem paciencia, se isso nunca mais poder d'ahi sahir, mas vamos agora a desejar uma coisa que nos compense d'esta desgraça e nos dê uma felicidade relativa. Tem resignação!

«Deus me livre! Então tu queres que eu viva o resto dos meus dias, com isto aqui pendurado. Nunca mais poderia apparecer deante de gente. De que me serviria a riqueza? Nada, nada! Levo o diabo os desejos. Agora o que eu quero e desejo é que isto me largue o nariz!»

O pudim cahiu no chão amolgado, sujo, inutilizado emfim, e os dois esposos sentaram-se nas cadeiras chorando amargamente a sua infelicidade!

Ao cabo de alguns minutos voltaram a vociferar cheios de colera, attribuindo um ao outro aquella tremenda desgraça! Como todas as suas esperanças se tinham extinguido! De tanto projecto brilhante o que restava? Um miseravel pudim de ovos, amolgado, torto, sujo, nojentto. Que vergonha! Como o soldado teve mais juizo, e como elles o imaginaram tolo!

Ha, como dissémos, n'este conto duas lições a notar.

Primeira: a virtude mais bonita, e mais admiravel que pode ter uma pessoa é a caridade. O ter dó de quem soffre, é o sentimento que mais demonstra a perfeição de uma alma, e feliz d'aquelle que possui uma alma perfeita, porque só assim se pode ser grande, e util n'esta mundo!

Segunda: é um mau costume censurar os outros, suppondo que no seu caso nós andaríamos melhor. É vulgar n'esta vida as decepções, eguaes no fundo á dos tendeiros do nosso conto, quando depois de algum censurar o procedimento alheio, indicando mesmo qual o verdadeiro caminho a seguir, esse alguém vae portar-se ainda peor, ao ver-se em circumstancias eguaes,